

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
PARA O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL:
UM ESTUDO CRÍTICO
SOBRE O PARADIGMA TECNOLÓGICO**

Maria Suzett Biembengut Santade
(UMINHO-PT/UERJ/FIMI/FMPFM)

suzett.santade@terra.com.br e suzett.santade@gmail.com

Márcio Lúcio Dias Pereira (UNICAMP/UNIP/FIMI)

marcio.lucio@iracom.com

Lilian Cristina Granziera

(Univ de Coimbra-PT/PUC-CAMPINAS/IESI/FIMI)

liliancg@ig.com.br e liliancg@gmail.com

INTRODUÇÃO

As mudanças tecnológicas que ocorrem atualmente e os processos de globalização que influenciam relações econômicas, sociais, culturais e políticas pelas quais passam as sociedades contemporâneas, impulsionam para que ocorram mudanças expressivas na educação, de forma propiciar meios que possam implementar essas mudanças. No âmbito dos avanços tecnológicos, destaca-se o uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), que potencializam a Educação a Distância (EAD), e esta surge como alternativa de formação, vencendo barreiras de tempo/espço e interligando contextos,

LIVRO DOS MINICURSOS

sujeitos, saberes e práticas pedagógicas diversificadas. A democratização do acesso a essas tecnologias permitem a inclusão das pessoas na Sociedade da Informação, que representa um modo de desenvolvimento social e econômico onde a informação, como meio de criação de conhecimento, desempenha um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos.

Todo esse avanço tecnológico vem contribuindo certamente para que ocorra a proximidade entre educando e educador, mas algumas vezes, isto pode acarretar em um tipo de aprendizagem que apenas transmite o conhecimento sem, contudo educar ou formar o cidadão. Para atender à grande pressão social por maior acesso ao ensino superior, os governos de todo o mundo (inclusive o Brasil), passaram a interessar-se pela EAD como forma de atendimento a um grande número de alunos. Sendo assim, esta modalidade de educação interessa a muitos. Portanto, quando se refere a quem interessa a EAD, seria possível elencar uma série de entidades, governos e organizações que de alguma forma têm interesses bastante distintos na EAD. Alguns desses interesses felizmente são bem claros e vão ao encontro da real necessidade da educação, outros, porém, nem tanto.

Assim, faz-se necessário, uma análise de forma crítica sobre algumas situações relacionadas a Educação a Distância, que certamente irá levantar questões polêmicas que darão margem ao estudo sob diversos pontos de vistas como: o uso da tecnologia, o trinômio aluno-professor-escola, as situações paradigmáticas, a questão da inclusão digital, mudanças de postura de governos e instituições e aspectos que poderiam melhorar qualidade de ensino nessa modalidade. No entanto, existem inúmeras variáveis que interferem no processo de ensino e aprendizagem na EAD, dentre quais, serão abordadas aquelas que se referem a as funções de tutoria e autoria assumidas pelo professor, a autonomia do aluno, a distância tran-

sacional, as situações paradigmáticas. O desafio que se apresenta é a construção de um novo paradigma educacional que realmente rompa com o paradigma conservador e dominante.

A QUEM INTERESSA A EAD

A instrumentalização eletrônica não é, em si, educativa, pois, como qualquer tecnologia avançada, está sujeita à dominação mercantilista, cultural e ao modismo. Assim, a lógica do consumo não pode ultrapassar a lógica da produção do conhecimento e da formação de pessoas. Os países desenvolvidos percebem uma significativa fatia de mercado nos países em desenvolvimento (incluindo o Brasil), para vender suas propostas altamente atraentes e sofisticadas, relacionados aos avanços tecnológicos. A globalização, certamente contribui para eliminar as fronteiras de circulação de todo tipo de mercadoria e também, os “pacotes” de produtos culturais, portanto, é necessário ficar atentos aos objetivos econômicos que mobilizam tais ações e às suas respectivas implicações sociais.

Esta modalidade de educação interessa a muitos. Interessa ao Estado, para expandir rapidamente a formação universitária em todo o país; às universidades públicas como forma de ampliar seus serviços sem precisar construir novas instalações; às instituições privadas de ensino, atraídas pela possibilidade de reduzir seus custos operacionais com uma grande demanda de alunos virtuais; aos fabricantes de softwares, que pretendem colocar no mercado as suas ferramentas o que sem dúvida alguma é altamente lucrativo. Apresentado como solução para a educação, a ampliação dos recursos em EAD deixa obscuros os interesses privados que o promovem. O descaso de políticas educacionais de governo e a modernização educacional de caráter conservador estimulam empreendimentos em áreas em que a educação se mostra mais rentável.

LIVRO DOS MINICURSOS

A EAD interessa ainda, às pessoas que devido às conseqüentes atribuições profissionais a que são submetidas estas pessoas e não têm tempo de frequentar as escolas presenciais; a ilusão de que os cursos a distância são mais fáceis do que os presenciais; as facilidades de poderem cursar universidades de renome sem a necessidade de se deslocarem diariamente até as sedes das mesmas. É inegável que a EAD interessa a muitos e que cada um desses interessados tendem a tirar proveito (cada um a sua maneira) do visível crescimento que vem ocorrendo nos últimos anos. Nesse contexto de interesses e relações, a EAD, potencializada pelo avanço das TICs, emerge como um fator de grandes interesses dos governos e diversas organizações nacionais e internacionais. Sem deixar de mencionar que se trata também de uma alternativa na vida social, educacional e profissional de muitas das pessoas.

PONTOS CRÍTICOS E VARIÁVEIS INTERFERENTES

Quando se fala de EAD, existem muitos educadores que se entusiasмам em excesso, acreditando que novas tecnologias irão resolver o problema da aprendizagem e, também, o que persistem em dizer que a educação não tem nenhum vínculo com o mundo da tecnologia. Sem dúvida o que precisa ser buscado é um meio termo que preserve a importância das tecnologias sem perder de vista que a educação é um processo bem mais complexo e que certamente vai muito além dos meios. Entre muitos preconceitos e “temores”, existem aqueles que consideram a EAD um caminho escancarado para a completa privatização do ensino, ou ainda uma maneira disfarçada de esvaziar o ensino regular e prescindir das estruturas materiais e dos recursos humanos exigidos pela educação presencial.

A EAD é considerada por muitos, como atividade à margem do sistema educacional. São muitas as variáveis e os pontos críticos que podem interferir nesse processo de ensino,

por exemplo: a adequação do papel do professor, a compreensão e a utilização das tecnologias visando à aprendizagem, a formação permanente dos profissionais envolvidos, tanto no aspecto técnico como pedagógico, a construção do conhecimento na sociedade da informação, a melhoria da qualidade da educação. Abordando o último aspecto sem, contudo esgotar o tema referente aos pontos críticos caberia um pergunta: É possível ensinar com qualidade? E o que é ensinar com qualidade? É um fato que a sociedade está mudando sob diversos aspectos, inclusive nas formas de ensinar e de aprender. Citando Moran (2000) “Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais” e complementa “Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo”.

É muito claro que a qualidade da educação não depende somente dos recursos tecnológicos ou do porte das faculdades ou universidades, do número de computadores disponíveis para os alunos, ou ainda, da quantidade de livros disponíveis nas suas bibliotecas. Sem dúvida que os aspectos citados podem se tornam importantes, mas não podem ser considerados um fator básico para determinar a qualidade de ensino propostas por estas escolas, independente da modalidade de ensino ser a distância ou presencial. Hoje ainda predominam muitos fatores que de alguma forma, influencia na qualidade da educação. Nos cursos de EAD, sempre ocorre a resistência provocada pela insegurança, no caso de professores que não têm domínio perfeito do uso do computador; a resistência provocada pela dualidade entre as condições da escola e dos alunos e as condições socioeconômicas do professor.

Não menos comum, ainda é a resistência provocada pelo preconceito contra o uso do computador por associá-lo à sociedade de consumo; a resistência pelo receio da multidisciplinaridade que, literalmente, invade a sala de aula; e também a resistência em função da acomodação pessoal e profissional.

LIVRO DOS MINICURSOS

Pode ser abordado, também como um ponto crítico na EAD a questão da evasão escolar. De acordo com pesquisa feita pela ABRAEAD/2007, as taxas são praticamente nulas para os cursos de curta duração e elevadas para os cursos de graduação ou de longa duração. As principais causas da evasão são: o grande número de inscritos com perfil inadequado; o aluno não possui o perfil adequado, mas o estudante está afastado há muito tempo dos estudos e não consegue dar conta das tarefas solicitadas; a inadimplência por perda de emprego ou problemas familiares e ainda, a qualidade dos cursos oferecidos deixa a desejar.

Outro fator que pode ser considerado um problema ou uma dificuldade quando o assunto é a EAD, é o fator tempo. Isso até parece contraditório, já que uma das razões para que se faça um curso a distância é exatamente a falta de tempo que as pessoas tem para que possam frequentarem os cursos presenciais. Mas, por outro lado, um grande obstáculo que se evidencia nestes tipos de cursos se refere a dificuldade que os alunos tem para administrar o tempo. Tempo para as atividades de estudo, profissão e outros encargos do aluno trabalhador. Existe uma grande dificuldade para se criar uma autodisciplina, concentração, esforço, dedicação. O que pode ser percebido é que num curso a distância o tempo acaba se “camuflando” pela ampla flexibilidade, o que dificulta a adequação das situações pessoais, familiares e profissionais às exigências do curso pretendido.

Os problemas relacionados com o tempo são fundamentais em EAD, não apenas em suas dimensões física, institucional e imaginária, que formam a base das relações temporais concebidas por cada indivíduo e estabelecidas na sociedade, mas também em sua dimensão econômica, de medida do tempo de trabalho, definidora das condições de trabalho e de formação dos trabalhadores. A ausência de um tempo para a formação continuada, previsto especificamente para este fim,

dentro da jornada de trabalho dos professores, é provavelmente a causa principal da baixa efetividade de qualquer programa de educação.

SITUAÇÕES PARADIGMÁTICAS

Sendo a educação um complexo processo, requer conhecimentos e metodologias mais abrangentes, capazes de elucidar a realidade e prever soluções mais adequadas para os problemas atuais. Partilhando das ideias de Oliveira, quando se refere aos desafios dos novos tempos e espaços, afirma:

Vivemos num tempo em que vemos nossas capacidades ampliadas e intensificadas, em que a ciência e a tecnologia, acopladas à informática, [...], oferecem a um terço da população mundial mais conforto, bem-estar material, poder, status, [...]. Vivemos num mundo, onde novas identidades culturais e sociais emergem apagando fronteiras, transgredindo tabus identitários, [...]. É um privilégio viver num tempo como esse...

No entanto, vivemos num tempo em que dois terços da humanidade estão sobrevivendo em condições indignas, paupérrimas, à margem do fantástico progresso tecnológico. Vivemos também num tempo de desespero e de dor, sofrimento e miséria, tragédia e violência, exploração e dominação, desequilíbrio ecológico, falta de perspectiva de vida. [...] É um desafio viver num tempo como esse... (Oliveira, 2003, p. 20).

A gravidade e a extensão global dos problemas contemporâneos acenam para a necessidade de um novo paradigma para interpretar novas realidades e reinterpretar realidades que já haviam sido explicadas ou compreendidas. Nos dias de hoje, os educadores se veem moralmente obrigados a rever o seu papel no processo educacional, de maneira que a educação não seja uma mercadoria, submetida ao conformismo, ao individualismo à competição e a muitos outros problemas que encontramos no cotidiano. O desafio é a transição de um paradigma conservador que predominou nos últimos séculos para um novo paradigma emergente, que venha proporcionar novas atitu-

LIVRO DOS MINICURSOS

des, valores e crenças, que se evidenciam neste início de século. O termo paradigma segundo o dicionário significa um modelo ou padrão. Considerando Kuhn (1991, p. 18) paradigmas são “realizações científicas, universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares aos praticantes de uma ciência”.

Para esse autor, quando um paradigma científico é mudado, ocorre uma grande transformação, pois, muitos problemas ou fatos já não podem ser explicados pelos velhos paradigmas. Existe um enfoque centrado em questões conceituais relacionadas aos tipos de ideias que são concebíveis em determinado momento, aos tipos de estratégias e opções intelectuais disponíveis às pessoas durante certo período. A partir desta posição, fica evidente que evolução da teoria científica está sujeita a circunstâncias e possibilidades intelectuais que podem sofrer mudanças. Segundo Santos (1997, p. 24), “A identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda”. A educação continua assentada em paradigmas conservadores que reforçam um ensino fragmentado e conservador, caracterizado pela reprodução do conhecimento fracionado, estático, linear, descontextualizado e pela adoção de metodologias que conduzem a respostas únicas e convergentes, mesmo utilizando sofisticados instrumentos tecnológicos.

No entanto, não se muda um paradigma conservador e dominante com relação a educação, apenas colocando uma embalagem bonita para camuflar antigas teorias, ou simplesmente mudando a forma com que as informações são passadas, seja em vídeos, telões, lousas eletrônicas, aulas ao vivo via satélite, Internet de altíssima velocidade, ou qualquer outro meio de veiculação. Porém, grande parte dos planejadores educacionais detém-se muito mais na aquisição de equipamen-

tos e tecnologias do que nas mudanças de mentalidade necessárias, que são pré-requisitos para o êxito na utilização da tecnologia moderna em educação. A mudança de paradigma, no entanto, é o fio condutor da ruptura com o modo conservador de pensar e realizar a EAD ou qualquer modalidade de educação. Então, se não se mudar o paradigma que sustenta e orienta uma proposta de formação, as possibilidades de rupturas e avanços tornam-se insignificantes, mesmo com a adoção de sofisticadas tecnologias digitais.

A maioria das propostas de uso de tecnologias na educação se apoiam numa visão tradicionalista, reforçando a fragmentação do conhecimento e, conseqüentemente, a fragmentação da prática pedagógica. O fato de integrar imagens, textos, sons, animação e mesmo a interligação de informações em sequências não lineares, como as atualmente utilizadas na multimídia e hipermídia, não nos dá a garantia de boa qualidade pedagógica e de uma nova abordagem educacional. As novas tecnologias, ao mesmo tempo em que trazem grandes potencialidades de criação de novas formas mais performáticas de mediação, acrescentam muita complexidade ao processo de mediação do ensino-aprendizagem, pois há grandes dificuldades na apropriação destas técnicas no campo educacional para utilização pedagógica. Suas características como: simulação, virtualidade, acessibilidade e diversidade de informações, são novas e demandam concepções metodológicas muito diferentes das metodologias tradicionais de ensino.

O TRINÔMIO ALUNO – PROFESSOR – ESCOLA

As modernas tecnologias não substituem a relação interpessoal direta, sendo desejável garantir espaços presenciais para troca de experiências e construção coletiva. Uma boa proposta formativa a distância deve aproximar-se o máximo possível da modalidade presencial, e esta por sua vez, deve valer-se dos procedimentos e recursos da EAD, diminuindo a dependência da presença física do professor e da sala de aula convencional como condições para uma educação de qualidade. Como aponta ALONSO (2000), é importante perceber que o uso das tecnologias não muda as questões subjacentes a qualquer projeto educativo. As perguntas: Para quem? Para quê? Como? devem ser mantidas no projeto a ser desenvolvido num curso *on-line*. A quebra das barreiras de espaço e tempo é, simultaneamente, o principal desafio e trunfo para a expansão da EAD, tornando-se acessível a interação com as fontes de informação e com o sistema educacional e forma a promover a autonomia do aprendiz, por meio de estudo flexível e independente.

O aluno deixa de ser receptor passivo e torna-se responsável por sua aprendizagem, podendo trabalhar de forma individualizada, no entanto, com a possibilidade de interagir com outros aprendizes e professores. O professor, portanto, deixa de ser dono do saber e controlador da aprendizagem, para se tornar um orientador que estimula a curiosidade, o debate, a pesquisa e a interação com outros participantes do processo educativo. A EAD deve permitir a interação entre professor e aluno, e isso pode ser feito, inclusive, em tempo real, mesmo que estejam geograficamente distantes. Considerar que esses programas podem dispensar a mediação e o trabalho do professor é um engano, pois, os professores devem elaborar as propostas de cursos, serem orientadores e acompanharem os alunos, serem parceiros dos especialistas em tecnologia para

que possam adequar as tecnologias inovadoras aos processos de aprendizagem.

Assim, um processo de ensino/aprendizagem centrado no aluno seria fundamental como princípio orientador na constituição de projetos de uso da EAD. Isso significa conhecer, o melhor possível, as características socioculturais dos alunos, seus conhecimentos e experiências, suas demandas e expectativas. Exigindo assim, a formação de pessoal e a organização do trabalho docente distinta das que conhecemos, já que incluem novos profissionais, como: professores, autores, tutores, técnicos, entre outros, o que exige sem dúvida a formação de uma equipe multidisciplinar de trabalho. Nesse sentido, poderia ser questionado que tipo de correntes pedagógicas poderia ser utilizado na EAD. Seguindo as informações de Prates & Loyolla (2000), para estes autores a abordagem pedagógica recomendada para a EAD é o construtivismo uma vez que o foco é orientado ao aluno/aprendiz cabendo ao professor a tarefa de estimular o uso da pesquisa como elemento para aquisição de conhecimento e desta forma desempenhando a função de mediador nesse processo.

O professor, em meio a esse ambiente de constantes transformações, se vê, muitas vezes, desorientado, sem saber por onde recomençar seu caminho em busca do aprimoramento de sua profissão, contudo, para encarar uma nova realidade requer o preparo e abertura a novos paradigmas. Como alerta Silva (2003, p. 51), o professor tem consciência de que é preciso superar o “problema que emperrou a aprendizagem presencial e agora prejudica igualmente a aprendizagem *on-line*”. Se o professor-tutor é um importante “elo” na modalidade de ensino à distância, outros “elos” também os são. Poderia por exemplo ser questionado, quem são os estudantes de EAD? Que características eles possuem? Referenciando Walker, citado por Oliveira (2008, p. 40), tem-se uma visão bastante in-

LIVRO DOS MINICURSOS

interessante, elaborada a partir de pesquisas com estudantes australianos:

Uma imagem dominante é a do silêncio, tranquilidade e solidão. Um tema recorrente é o tempo de estudo: tarde da noite, quando as crianças estão acomodadas, o marido vendo televisão na sala (muitos estudantes são mulheres), está escuro lá fora, pode haver um cão ou gato por perto, a cozinha está limpa e arrumada, os lanches para o dia seguinte estão prontos na geladeira, e a estudante arranja um espaço na ponta da mesa, desarrumando o mínimo possível a mesa posta para o café da manhã. Os livros estão abertos e o 'estudo' pode começar (Walker, 1993, p. 23).

Embora não possa ser generalizada, esta imagem é um retrato revelador de uma determinada visão da EAD. Esta visão, no entanto, tende a evoluir e se transformar, no âmbito das mudanças sociais e grandes tendências da modernidade, assim, a clientela está se modificando rapidamente, tendendo a aumentar em número e diversificar em termos de demandas específicas. Em geral, a clientela de EAD é adulta e trabalha, assim, estuda em tempo parcial. Isso direciona o foco da formação inicial científica e profissionalizante para a formação para manter condições de competitividade. Segundo Oliveira (2008, p. 41), “A educação em geral e o ensino superior em particular devem transformar-se para dar condições e encorajar uma aprendizagem autônoma que propicie e promova a construção do conhecimento”.

O aluno aprende melhor quando vivencia, experimenta, sente, também, quando relaciona, estabelece vínculos, integrando em um novo contexto, dando-lhe significado. Citando Moran (2000). “Aprendemos mais facilmente quando percebemos o objetivo, a utilidade de algo, quando nos traz vantagens perceptíveis”. Quanto à postura do aluno, uma das grandes mudanças de paradigma, imprescindível na modalidade de EAD, refere-se à autonomia. Saber gerir seu tempo; organizar-se a fim de vencer as diferentes etapas do curso, desenvolvendo as atividades sugeridas e participando ativamente das inúmeras interações via *chat*, fóruns, listas de discussões e outras

ferramentas disponíveis no ambiente *on-line*. Este aluno deve disciplinar-se e manter-se motivado para concluir o que se propôs iniciar. Estas são algumas das características necessárias ao aluno/aprendiz virtual, que terá de administrar seu curso individualmente, o que pode lhe trazer certo desconforto, devido a seu isolamento físico.

A tutoria, aqui, torna-se essencial para equilibrar esse aparente isolamento, uma vez que a presença virtual do professor confere ao aprendiz a segurança necessária para que ele não se sinta sozinho no processo e consiga efetivar satisfatoriamente uma participação interativa ao longo do curso. A maioria dos alunos dos cursos de EAD é formada por adultos entre 25 e 45 anos, que trabalham e estudam em tempos bastante reduzidos. Muitos pararam de estudar por muitos anos. Muitos estudantes encontram dificuldades para responder às exigências de autonomia em sua aprendizagem, além de outras situações complicadas como: a gestão de tempo e de planejamento, condições fundamentais para a aprendizagem autônoma. Muitos desses estudantes se acham despreparados e têm problemas de motivação. Um grande desafio que deve ser enfrentado pelas instituições provedoras de cursos de EAD, refere-se, a questões de ordem afetiva, estratégias de contato e interação com os estudantes.

A EAD visa principalmente a populações adultas que não tem possibilidade de frequentar uma instituição de ensino convencional, presencial, e que têm pouco tempo disponível para dedicar a seus estudos. Para tentar garantir a qualidade de um curso à distância, é necessária atenção especial ao processo de comunicação, seja entre professores e alunos, entre os próprios alunos ou, ainda, entre estes e a equipe de gestão.

LIVRO DOS MINICURSOS

A APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DE PROJETOS

Atualmente, uma das temáticas que vêm sendo discutidas no cenário educacional é o trabalho por projetos. Essas questões que circulam frequentemente no âmbito do sistema de ensino muitas vezes deixam o professor preocupado em saber como situar sua prática pedagógica em termos de propiciar aos alunos uma nova forma de aprender integrando as diferentes mídias nas atividades do espaço escolar. Certamente existem muitas propostas e trabalhos interessantes, mas a questão é como conceber e tratar a articulação entre as instâncias do projeto para que de fato seja reconstruída na escola uma nova forma de ensinar, integrando as diversas mídias e conteúdos curriculares, propondo uma forma de aprendizagem que realmente atendam as expectativas e as necessidades dos alunos.

A aprendizagem sob a perspectiva de projetos, embora constitua um novo desafio para o professor, pode viabilizar ao aluno um modo de aprender baseado na integração entre conteúdos das várias áreas do conhecimento, bem como entre diversas mídias (computador, televisão, livros) disponíveis no contexto da escola. Por outro lado, esses novos desafios educacionais ainda não se encaixam na estrutura do sistema de ensino, que mantém uma organização funcional e operacional. Estas estruturas dificultam o desenvolvimento de projetos que envolvam ações interdisciplinares, que contemplem o uso de diferentes mídias disponíveis na realidade da escola e impliquem aprendizagens que extrapolem o tempo da aula e o espaço físico da sala de aula e da escola. Daí a importância do desenvolvimento de projetos articulados que envolvam a co-autoria dos vários protagonistas do processo educacional.

Isso porque a parceria que se estabelece entre os protagonistas (gestores, professores, alunos) da comunidade escolar pode facilitar a busca de soluções que permitam viabilizar a realização de novas práticas pedagógicas, tendo em vista a a-

prendizagem para a vida. Usados para explorar conceitos e conteúdos, os projetos se prestam também a programas de serviços comunitários, campanhas de solidariedade, defesas de metas ecológicas, viagens de escola, experiências de laboratório e uma infinidade de outras atividades extracurriculares. Os defensores do emprego de projetos como complemento de um processo de instrução sistemática destacam que essas investigações complementam os objetivos de uma instrução sistemática. No entanto, o projeto não é apenas um plano de trabalho ou um conjunto de atividades bem organizadas. Com toda certeza, há muito mais na essência de um bom projeto. O fundamental para a constituição de um projeto é a coragem de romper com as limitações, convidando os alunos à reflexão sobre questões importantes da vida real, da sociedade em que vivem.

A aprendizagem sob a perspectiva de projetos procura evitar que essa aprendizagem se torne algo passivo, puramente verbal e teórico, e, por conseguinte, desinteressante, abrindo o maior espaço possível para a participação ativa dos alunos, não só na concepção e na elaboração dos projetos, mas também na sua implementação e na sua avaliação, pois a participação dos aprendentes nos projetos não só os motiva, como torna a sua aprendizagem ativa e significativa. Assim, os projetos que os alunos escolhem ou participam da escolha, devem estar relacionados às suas vidas e às suas experiências que lhes pareçam importantes e sobre as quais eles se interessam em aprender mais. Sob uma abordagem mais específica e orientando a aprendizagem sob a perspectiva de projetos no Ensino Superior, fica evidente que têm como finalidade tornar os alunos aptos a atuar como profissionais em suas áreas de conhecimento. Num paradigma emergente, a aprendizagem baseada em projetos, demanda um ensino que provoque ações colaborativas e instrumentalizadas pela tecnologia inovadora.

CONCLUSÃO

A educação à distância deve ser vista potencialmente, não como solução para todos os problemas da educação, mas sim cumprindo um importante papel como uma modalidade de educação do futuro, e isso sem dúvida já está sendo considerado tanto nos países desenvolvidos como em alguns países em vias de desenvolvimento. Assim a EAD, surge como alternativa de formação, sendo considerada por muitos como um meio de democratização do saber, disponibilizando informação e educação a todos aqueles que buscam objetivos acadêmicos, seja por questões ideológicas, financeiras, profissionais, sociais ou quaisquer outras razões. Entretanto, deve-se considerar que a instrumentalização eletrônica não é, em si, educativa, pois, como qualquer tecnologia avançada, está sujeita à dominação mercantilista, cultural e ao modismo. Portanto, a lógica do consumo não pode ultrapassar a lógica da produção do conhecimento e da formação de pessoas.

Os cursos oferecidos na EAD devem ser pensados não somente quanto à apropriação e utilização das tecnologias da informação e comunicação, mas também como a formação de indivíduos construtores de conhecimento e pensadores. A análise dessa questão nos permite entender que o uso inteligente das tecnologias não é um atributo inerente ao mesmo, mas está vinculado a maneira como é concebida a tarefa em que os recursos tecnológicos serão utilizados. Ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade no que se refere às metodologias educacionais, assim, o professor deve encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os processos metodológicos. Uma das propostas que se revela como uma das grandes possibilidades dessa integração é a aprendizagem sob a perspectiva de projetos. Os projetos viabilizam o uso de múltiplas inteligências e, dessa maneira, os alunos podem se organizar para, conhecendo melhor suas aptidões, expressar os resultados de suas investigações.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Com base nestas características podemos situar os projetos como uma proposta de intervenção pedagógica que dá à atividade de aprender um sentido novo, através dos quais as necessidades de aprendizagem afloram nas tentativas de se resolver situações problemáticas. Os alunos envolvidos nesses processos têm oportunidade de desenvolver competências, habilidades e aptidões que serão úteis para sua vida tanto nos aspectos pessoal, social e profissional. O foco deve ser a produção de projetos pedagógicos inovadores que procurem atender aos pressupostos de uma metodologia emergente na ação docente e discente. Devido a grande abrangência que se vislumbra quando se tem a pretensão de pesquisar as muitas vertentes convergentes ou divergentes da Educação a Distância, colocam-se como propostas de estudos futuros mais quatro frentes que certamente proporcionariam pesquisas de grande importância.

A primeira estaria relacionada a uma pesquisa que poderia se tornar um “Guia de Orientação” para alunos que tivessem interesse em fazer um curso a distância e então, pudesse ter uma referência para selecionar uma escola ou um curso na modalidade de EAD, assim, seriam pesquisados de forma detalhada os principais aspectos que deveria ser levados em consideração quando da decisão da escolha por de um curso desse tipo, baseando-se nos referenciais de qualidade para educação superior a distância. A segunda frente abordaria de forma detalhada os aspectos relacionados aos cursos de formação de professores que poderiam ser ministrados através da EAD, discutindo a importância de cursos desse tipo para o aperfeiçoamento dos profissionais da educação e ainda, levando em consideração os casos de sucesso e também as razões de insucessos que certamente ocorrem em cursos desse tipo. Seria focada interatividade ou a falta dessa, a qualidade desses cursos, os recursos disponíveis e o envolvimento dos grupos de estudo com a organização de ensino, com a comunidade e obviamente a aplicabilidade dos conceitos e metodologias junto aos alunos.

LIVRO DOS MINICURSOS

Uma terceira frente de trabalho de pesquisa a ser desenvolvida, estaria relacionada com análises mais aprofundadas sobre os cursos de formação de profissionais especializados para atuarem com a Educação a Distância, tanto nos aspectos técnicos quanto educacionais. Nesse contexto, seriam pesquisados os tipos de cursos existentes, o nível de formação que eles oferecem, o mercado de trabalho para estes profissionais, os aspectos metodológicos da profissão, os estudos das tecnologias existentes, a infra-estrutura das organizações mantenedoras. Por último e não menos importante, poderia ser explorado um projeto de educação chamado PROJEE (Projeto Empresa-Escola), que poderia ser implantado em instituições de ensino públicas ou particulares de ensino médio ou superiores, e que poderia ser intensificado através uso dos recursos tecnológicos existentes que potencializaram a aplicação do projeto através da EAD. Trata-se de um projeto educacional criado com objetivo de utilizar os diversos recursos existentes nos currículos educacionais, as técnicas vivenciais, as metodologias da aprendizagem por projetos e outras “ferramentas pedagógicas” para valorizar o conhecimento cotidiano do aluno.

É evidente que ao pensar em um projeto de educação, o foco deva ser sempre o aluno, e que este, ao ser apoiado pelos professores, pela escola, pelos pais e também pela comunidade consiga obter um conhecimento que seja capaz de torná-lo um indivíduo preparado para enfrentar os desafios que lhe serão impostos, ou ainda, desafios os quais ele deseje buscar. Essa possibilidade de fazer mudanças, no comportamento dos alunos, na atuação dos professores, na participação direta da escola, no envolvimento dos pais e também no relacionamento com a comunidade representa a “coluna-mestra” que sustenta o PROJEE. Tendo em vista todas as possibilidades aqui apresentadas, considerando o quão abrangente e complexo são os processos educacionais, os inúmeros fatores que beneficiam ou dificultam o uso das tecnologias potencializadoras da EAD e o desafiador relacionamento do trinômio aluno-professor-

escola, conclui-se que são necessários estudos mais aprofundados e detalhados para poder caracterizar a EAD como uma proposta de melhoria da Educação diante dos paradigmas que se apresentam.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Katia Morosov. *Formação de professores em exercício, educação a distância e a consolidação de um projeto de formação: o caso da UFMT*. 2005. 322 f. Tese de doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

KUHN, Tomas. *As estruturas das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MORAN, José M.; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13ª ed. Coleção Papirus Educação. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo T. de et al. *Educação e os malefícios trazidos pelo computador*. Grupo de Pesquisas em Informática, Desenvolvimento Web, Sociedade Paranaense de Ensino e Informática - Faculdades SPEI, 2006. Disponível em: http://www.orleijp.eng.br/CompSociedade/III-WCS_2006_02.pdf. Acesso em: 28 dez. 2008.

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. *Educação a distância na transição paradigmática*. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2003. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.

PRATES, Maurício; LOYOLLA, Waldomiro. A aplicação em cursos formais da metodologia EDMC (Educação a Distância Mediada por Computador). *Revista do IMAE – Cadernos de Cultura*. São Paulo: IMAE. Ano 1, vol.1, n. 1, 2000, p. 41-17.

SANCHEZ, Fábio (Coord.). *Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância, 2007* (ABRAED). 3ª ed. São Paulo: Instituto Monitor, 2007.

LIVRO DOS MINICURSOS

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia de conflito. **In.** SILVA, L. E. da *et alii.* (org). *Reestruturação curricular: Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulinas, 1997, p. 15-53.

SILVA, Marco. Criar e professorar um curso on-line: relato de experiência. **In.** *Educação Online*. São Paulo: Loyola, 2003.